

# “EXU NÃO É O DIABO”: a Desinformação e o Racismo Religioso<sup>1</sup>

“EXU IS NOT THE DEVIL”: Disinformation and Religious Racism

Evelli Vitória dos Santos<sup>2</sup>

Orientação: Prof. Dr. Erinaldo Dias Valério<sup>3</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa analisa a relação entre a desinformação e o racismo religioso no Instagram, com ênfase na demonização da figura de Exu e nas religiões de matriz africana. O estudo tem como objetivo compreender de que modo conteúdos desinformativos e discursos de ódio se manifestam e circulam nessa rede social, contribuindo para a reprodução de práticas discriminatórias. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, descritiva e documental, fundamentada em autores da Ciência da Informação, das Ciências Sociais e dos estudos sobre religiões afro-brasileiras, além da análise de exemplos de manifestações de intolerância religiosa publicadas no Instagram. Os resultados indicam que, apesar da existência de dispositivos legais que assegurem a liberdade religiosa no Brasil, as agressões simbólicas e discursivas contra religiões de matriz africana permanecem recorrentes nessa plataforma digital, favorecidas pela circulação descontrolada de desinformação. Conclui-se que a desinformação atua como um fator central na manutenção do racismo religioso no ambiente digital, evidenciando a necessidade de ações de mediação, organização e disseminação ética da informação.

**Palavras-chave:** Exu; desinformação; racismo religioso; redes digitais.

## ABSTRACT

This research analyzes the connection between misinformation and religious intolerance, investigating how hate speech manifests itself on digital networks when the topic involves African-based religions. The reflection understands misinformation as an element that intensifies intolerant practices, also highlighting dimensions related to Religious Racism. The data analyzed - based on objectives (general and specific topics), methodological procedures and examples of practices on the internet - revealed that, although Brazil has laws that guarantee freedom of belief, attacks aimed at African-based religions in the virtual environment still occur without effective control. This lack of containment contributes to the spread of prejudice, compromising the right to religious freedom and exposing the persistence of discrimination in Brazilian society.

**Keywords:** Exu; disinformation; religious racism; digital networks.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia, do Departamento de Ciência da Informação do Centro de Artes e Comunicação (CAC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), cuja banca de defesa foi composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. Fulana da Silva; Prof. Dr. Fulano de Oliveira, na seguinte data: 17 de outubro de 2023.

<sup>2</sup> Graduande em Biblioteconomia na UFPE.

<sup>3</sup> Professor do Departamento de Ciência da Informação da UFPE.

## 1 INTRODUÇÃO

A desinformação é um desafio para a sociedade contemporânea, pois impacta significativamente a forma de percepção e as visões de mundo das pessoas e como elas interagem a partir das informações que recebem. Recorrentemente, as redes sociais digitais são vistas como ambientes de liberdade de expressão e opinião, onde a disseminação de informações e desinformações crescem em larga escala.

Segundo Karlova e Fisher (2013), a desinformação consiste em uma ação deliberadamente enganosa - também compreendida como uma informação imprecisa, incompleta, vaga ou ambígua. Desinformar se refere à produção e disseminação de notícias falsas ou enganosas, com o objetivo de manipular a sociedade, o que gera grande relevância no contexto contemporâneo, uma vez que reverbera na formação e na disseminação de opiniões. Estas são ampliadas pela evolução tecnológica e popularização de redes sociais digitais, pois possibilita uma circulação rápida e massiva de conteúdos sem checagens sobre suas respectivas veracidades.

Diante disso, é fundamental combater narrativas falsas, especialmente em um contexto no qual a informação é corriqueiramente acessada e compartilhada. Um dos alvos mais frequentes da desinformação, assim como das chamadas fake news, é o preconceito religioso, juntamente com a discriminação racial, o que resulta no denominado (e por que não dizer, no abominável) Racismo Religioso. Esta prática discriminatória é, muitas vezes, ocasionada pelo imaginário social e senso comum, cujos estereótipos negativos associados às religiões de matrizes africanas acabam sendo disseminados.

Conforme Almeida (2017), os dados de pesquisas científicas apontam que os ambientes digitais podem ser espaços profícuos para investigações antropológicas. Especialmente pelo seu caráter heterogêneo e plural, a internet representa ambientes como uma miríade de espaços que possuem relacionamentos entre pessoas e/ou organizações, desprezando as dimensões geográficas entre os membros e usuários diante do compartilhamento de valores, ideias e informações.

Nesse sentido, as análises sobre a recorrência de fake news relacionadas ao preconceito e à intolerância contra religiões de matrizes africanas possibilitam compreender, conforme enfatiza Rodrigues (2022), como as redes sociais têm funcionado como espaços de reprodução de estereótipos que reforçam a demonização e a deslegitimação dessas práticas religiosas. Tais representações não se restringem ao campo simbólico, mas produzem efeitos concretos na vida social, contribuindo para a naturalização da violência contra pessoas afro-religiosas.

Um exemplo da materialização desse tipo de violência pode ser ilustrado por um ato criminoso ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 2022, quando Exu foi enredo e ganhou o campeonato dos Desfiles das Escolas de Samba do Grupo Especial do RJ. Matéria do G1<sup>4</sup> informa que, naquele ano, por intolerância religiosa, uma mulher foi agredida e perdeu a visão do olho direito simplesmente por escutar o samba-enredo da agremiação Grande Rio em homenagem ao orixá em questão.

Nota-se, pois, como a associação dessas religiões a imagens de maldade, perigo ou desumanidade — amplamente disseminada por meio da desinformação — atua como um mecanismo que retira a legitimidade da existência de sujeitos que professam um tipo específico de fé, criando condições para que agressões,

<sup>4</sup> Em matéria do dia 16/09/2022, com a seguinte manchete: “Intolerância religiosa: mulher foi agredida e perdeu visão do olho direito por escutar o samba da Grande Rio em homenagem a Exu”.

perseguições e até assassinatos sejam socialmente tolerados ou invisibilizados. Nesse sentido, o racismo religioso atinge seu nível mais extremo e danoso quando resulta na subtração de vidas, configurando-se não apenas como discriminação informacional, mas como uma prática que sustenta a violência física e simbólica contra adeptos das religiões de matriz africana.

Nas redes sociais, a disseminação de informações falsas desemboca em discursos de ódio e numa espécie de manipulação social onde há supremacia de uns grupos sociais em detrimento de outras vivências e sociabilidades. Nesse contexto, o Instagram figura com relevância, tendo o Brasil como um dos países com maior número de usuários ativos. De acordo com o relatório "Digital 2023" da *We Are Social e Hootsuite*, o Brasil possui mais de 95 milhões de usuários ativos mensais no Instagram, representando cerca de 50% da população. Tendo em vista a velocidade da circulação de informações, que alcançam milhares de pessoas em poucas horas, e o fato de que qualquer pessoa pode divulgar e fazer circular qualquer tipo de informação no meio digital, esse número expressivo de usuários quando associados à propagação ou assimilação das fake news pode contribuir diretamente para a deturpação de imagens, a exemplo da imagem de divindades religiosas africanas e afro-brasileiras, que há muito já são injustamente condenadas.

Portanto, o Instagram foi escolhido como meio de análise por se configurar como um dos principais ambientes de circulação de informação na contemporaneidade, sobretudo no Brasil<sup>5</sup>. Nesse contexto, o Instagram não se limita a um espaço de sociabilidade, mas atua como um sistema informacional no qual conteúdos são produzidos, compartilhados, interpretados e legitimados socialmente.

A escolha dessa rede social justifica-se, pois, por sua centralidade na difusão de narrativas religiosas, opiniões e discursos simbólicos, incluindo conteúdos que reproduzem desinformação e racismo religioso. A forma como entidades das religiões de matriz africana — a exemplo de Exu — muitas vezes são representadas no Instagram pode contribuir para a construção de imaginários sociais que reforçam estigmas históricos associados à demonização dessas tradições.

Do ponto de vista da Biblioteconomia, a análise com base em conteúdos do Instagram insere-se no debate sobre mediação da informação e responsabilidade social da informação, considerando o impacto que essa plataforma exerce na construção social do conhecimento religioso.

Nos cenários religiosos africanos e afro-brasileiros, Prandi (2001) enfatiza que Exu é reverenciado por ser "o orixá da informação, comunicação e movimento" e percebe-se, então, atribuições negativas que surgem provavelmente pelas disputas religiosas existentes ao longo da trajetória humana. Diabo é uma dessas perspectivas com negatividades que não condiz com a realidade. Verger (1999) reforça que isso pode ter advindo a partir dos primeiros missionários, que o assimilaram e fizeram essa relação com o Diabo no intuito de associá-lo, por exemplo, à maldade e ao ódio. Assim, um conjunto de fatores históricos, religiosos, raciais e culturais distorceram sua imagem ao longo do tempo, propositalmente, associando Exu ao Diabo cristão, tornando esta divindade afrobrasileira das mais incompreendidas e atacadas no país.

Com isso, tem-se que a disseminação de informações falsas tem contribuído para a deturpação da imagem de Exu, um dos orixás mais conhecidos e reverenciados em religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras. A falta de conhecimento e as desinformações associadas a esta divindade fazem com que muitos o relacionem a

<sup>5</sup> É o que informa matéria da CNN Brasil, que mostra o país como parâmetro fundamental para analisar o futuro da rede social digital. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/brasil-e-termometro-para-avaliar-futuro-do-instagram-diz-vp-da-rede-social/>

figuras negativas. Por isso, é essencial abordar como essas questões de desinformação existem nas redes sociais digitais e questioná-las a fim de promover um entendimento verdadeiro, justo e respeitoso em relação às tradições religiosas afro-brasileiras.

Desse modo, a escolha da divindade Exu como eixo central desta pesquisa está relacionada tanto à relevância simbólica dessa entidade nas religiões de matriz africana, quanto às vivências de pesquisadore em contato direto com essas tradições. Ao longo dessas experiências, tornou-se recorrente a percepção de que narrativas coloniais e cristão-eurocêntricas ainda moldam a compreensão social sobre Exu, frequentemente associado de forma equivocada a uma figura diabólica. Essa associação desconsidera os fundamentos teológicos das religiões afro-brasileiras e evidencia como a desinformação atua na construção de estigmas religiosos, aspecto que motivou a investigação proposta neste trabalho.

A Ciência da Informação, nesse sentido, traz ensinamentos significativos, como planejar, organizar, dirigir e controlar informações condizentes com as realidades sociais e científicas. Assim sendo, ao traçar e questionar os conteúdos informativos disseminados em redes sociais digitais, esta pesquisa busca dialogar e trazer aprendizados. No que diz respeito à simbologia de Exu, torna-se relevante nesta pesquisa, também, disseminar dados que sejam transmitidos à formação desde o começo do processo educativo, onde pequenos aprendizes possam adquirir saberes básicos e gradativos de conhecimento científico. Logo, ao analisar conteúdos informativos disseminados em redes digitais, esta pesquisa dialoga com o campo da CI ao investigar como representações simbólicas e narrativas desinformativas impactam a construção social do conhecimento religioso.

No caso específico das religiões de matriz africana, a circulação de informações corretas sobre Exu possui implicações diretas nos processos educativos e culturais, reforçando o papel social da Biblioteconomia na promoção de práticas informacionais comprometidas com a diversidade, a equidade e o enfrentamento do racismo religioso.

Dentre as questões a serem discutidas neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), é preciso trazer à tona o fato de que as religiões afro-brasileiras e suas manifestações se apresentam, ao longo da história do Brasil, como herança ancestral e cultural vinda de África. Em nosso país, constituído por pilares de racismo sistêmico e estrutural, a demonização vira fator principal para tudo que foge dos padrões eurocêntricos, surgidos a partir da colonização europeia, e das distorções informacionais sobre as práticas religiosas que estejam fora desta padronização. Esta dinâmica histórico-social-cultural apareceu, em terras brasileiras, como forma de controle para o domínio de seres humanos considerados inferiores e a perpetuação das relações escravagistas.

Considerando tais entendimentos, o principal questionamento que norteia o desenvolvimento desta pesquisa versa sobre entender até que ponto a desinformação disseminada na rede social digital Instagram contribui para a perpetuação do racismo religioso contra as religiões de matriz africana, a partir da demonização de Exu. Essa problemática é basilar na compreensão dos dados que serão absorvidos ao longo do percurso científico pretendido aqui e fundamentais para a pesquisa científica presente neste TCC.

A pesquisa acadêmica aqui desenvolvida surge em razão da preocupação pela falta de conteúdo informacional coerente na sociedade brasileira, especialmente pela proliferação do consumo de informações em redes digitais, principalmente pelas chamadas redes sociais. Portanto, este TCC se soma à dinâmica de levar informações

condizentes com as realidades das religiões afro-brasileiras e combater a disseminação de informações falsas a respeito de seus praticantes - fato que afeta diretamente os cultos, as tradições e a forma como cada entidade se revela. Reitera-se que um dos maiores exemplos é o orixá Exu - o deus da comunicação, do movimento, da sexualidade -, que é constantemente mal interpretado e alvo de preconceitos e comentários desrespeitosos. Daí, também, sua relevância para o desenvolvimento deste trabalho.

Destaca-se, assim, que o objetivo geral deste TCC é analisar como as desinformações sobre Exu disseminadas nas redes sociais digitais contribuem para o fortalecimento do Racismo Religioso na sociedade.

Como objetivos específicos de pesquisa, ficam estabelecidos os seguintes: mapear informações falsas sobre Exu publicadas em redes digitais; verificar como desinformações publicadas e disseminadas pela internet influenciam na disseminação do Racismo Religioso; desmistificar a imagem de Exu propagada em redes digitais; trazer à tona impactos existentes na sociedade sobre a falta de conhecimento das religiões afro-brasileiras; incrementar a disseminação de informações condizentes com a realidade no campo da Ciência da Informação.

## **2 DESINFORMAÇÃO: “A MENTIRA TEM Perna Curta”**

Segundo Volkoff (2004), o termo desinformação apareceu a partir da nomenclatura russa “dezinformatsiya”, surgiu no período da chamada Guerra Fria, em meados e fins do século XX, e teve como base disputas políticas entre Estados Unidos e a União Soviética na busca de influências a respeito do aumento de capital informacional. Tanto a informação quanto a desinformação ganharam, nesse contexto, relevância para ampliar o alcance informacional mundialmente.

A chamada “dezinformatsiya” (Desinformação) foi, particularmente, considerada uma arma eficaz para o arcabouço de medidas de ataques do chamado bloco soviético. A expressão “dezinformatsiya” (Desinformação) singularizava uma ampla variedade de técnicas e atividades - visando fornecer informações falsas ou enganosas - que combatentes e especialistas do bloco soviético disseminavam pela mídia. A desinformação, no viés ocidental, era lida como sendo uma mentira com motivação política, mas, para a propaganda soviética, havia a crença de que as campanhas de desinformação do bloco soviético endossaram apenas o que chamavam de verdades maiores por trazerem à tona dados sobre a natureza e a realidade do capitalismo. Ainda segundo os ensinamentos de Volkoff (2004), o termo “disinformation” (Desinformação), na língua inglesa, apareceu em 1972, na obra Chambers Twentieth Century Dictionary, como definição sobre o vazamento de informações enganosas com intuito proposital.

Nesse sentido, as manipulações informacionais, em relação às religiões de matrizes africanas, seriam construídas e compartilhadas especialmente por grupos da chamada supremacia racial como forma de silenciamento e apagamento da história do povo negro. Seria uma tentativa, ou uma forma, de exclusão social a partir de informações falsas, como o surgimento de fake news nas redes sociais e a proliferação de discurso de ódio e racismo religioso. Disseminação de informações inverídicas e a construção de discurso de ódio ocasionam a intolerância religiosa para as religiões de matrizes africanas. Assim sendo, o provérbio da tradição “A mentira tem perna curta” revela valores éticos para o contexto da desinformação em relação às religiões afro-brasileiras, direcionando-se ao fato de que aspectos verdadeiros

devem nortear os campos informacionais no tratamento, organização e disseminação de conteúdos sobre Exu. Afinal, verdades moldadas ao interesse de cada um, por meio de realidades distorcidas, limitam as criticidades nas relações entre os indivíduos, fazendo com que reforcem estereótipos e preconceitos, surgidos com uma estrutura social moldada pela manipulação da verdade, e possam ser usadas como instrumentos de demagogia política para reforçar e manter o conservadorismo.

No cenário contemporâneo, especialmente com a expansão das redes sociais digitais, a desinformação assume novas formas e dinâmicas, deixando de estar restrita a disputas entre Estados para se manifestar de maneira difusa no cotidiano social. As plataformas digitais potencializam a circulação de conteúdos desinformativos, ampliando seus impactos sobre diferentes esferas da vida social, incluindo as dimensões culturais, religiosas e simbólicas — contexto no qual se insere a análise proposta por esta pesquisa.

Com isso, o aniquilamento da opinião do outro, fazendo valer uma visão única, recai numa perspectiva em que sujeitos, nas redes sociais, passam a dialogar apenas consigo mesmos e a consumir informações que confirmam suas próprias crenças, tornando-se uma espécie de “narcisos contemporâneos”. Esse processo é intensificado pelo fato de que aqueles que demonizam as religiões de matriz africana, em geral, não possuem conhecimento sobre seus fundamentos, práticas e simbologias, o que resulta em interpretações desprovidas de embasamento teológico, histórico ou cultural. Assim, a desinformação se sustenta no desconhecimento e reforça discursos de ódio que legitimam estereótipos e preconceitos, especialmente no que se refere à figura de Exu e às tradições afro-brasileiras.

## 2.1 RACISMO RELIGIOSO

Para compreender as origens das religiões afro-brasileiras, é necessário adotar como fio condutor o processo histórico da colonização portuguesa no Brasil, marcado pela imposição cultural, religiosa e simbólica europeia. Conforme afirma Silva (2005), a formação dessas religiões resulta do encontro forçado entre três matrizes religiosas distintas: o catolicismo, introduzido pelos colonizadores europeus; as crenças dos povos indígenas, que já habitavam o território; e, de forma central, as religiões oriundas das diversas etnias africanas, trazidas por meio do tráfico transatlântico de pessoas escravizadas.

A travessia não ocorreu de maneira harmoniosa, mas em um contexto de violência, dominação e tentativa de apagamento dos sistemas religiosos africanos, que foram sistematicamente inferiorizados e demonizados ao longo do processo colonial. Ainda assim, essas tradições resistiram, ressignificaram símbolos e produziram formas próprias de organização religiosa, dando origem às religiões afro-brasileiras tal como são conhecidas atualmente.

Compreender esse percurso histórico é fundamental para analisar como estigmas e narrativas desinformativas, construídas no período colonial, permanecem sendo reproduzidas na contemporaneidade, permeando, inclusive, os ambientes digitais.

De acordo com Carneiro (2019), com o processo de colonização, as práticas religiosas da população negra eram vistas, na sociedade colonial existente no Brasil, com termos e comentários do tipo “magia”, “feitiçaria” e “curandeirismo”. Tudo isso era atrelado a algo que se relacionava com o mal, e precisava ser combatido, assim, a

principal perseguição desta época era por parte da Igreja Católica, e depois veio a se estender a outros segmentos da sociedade.

Então, atos de intolerância religiosa e racismo permanecem na sociedade brasileira, sendo gerados pelo colonialismo e pela subalternização e fetichização das práticas de religiões de matrizes africanas. Isso acontece até hoje, mesmo que, na Constituição de 1988, o Estado brasileiro e diversas políticas públicas sobre religiões brasileiras reconheçam a pluralidade religiosa existente no país. Diante disso, a legislação brasileira garante a liberdade religiosa para todos os grupos religiosos exporem suas crenças em público - fato este que contrasta com as denúncias sobre "uma guerra" entre as comunidades cristãs (neopentecostais e evangélicas, especificamente) contra povos de terreiros que cresce no Brasil e ocasiona discursos de ódio por parte de seus adeptos através de diversos meios e práticas. Diante desse cenário, militantes a favor da população de terreiros, desde os anos 2000, introduziram e disseminaram o conceito de Racismo Religioso para discorrer e combater discriminações sobre casos de racismo ligados à intolerância religiosa.

Cotidianamente, denúncias sobre Racismo Religioso surgem através dos meios de comunicação e das redes sociais digitais. Conforme os dizeres de Kilomba (2008), o racismo cotidiano revela-se através de experiências de vida e configura-se como uma constelação. Ele não se refere, argumenta a autora, a uma experiência pontual, mas, sim, a uma exposição constante ao perigo e a um padrão de abuso realizado continuamente. Este padrão é repetido de forma contínua durante, o que Kilomba (2008) chama, "a biografia de alguém".

O que ocorre, ainda, com as populações afrodescendentes e as religiões de matrizes africanas, é que conteúdos históricos referentes às suas vivências e existências foram, muitas vezes, apagados, manipulados e silenciados de modo sistemático. Além disso, conforme destaca Rufino (2019), muitas das experiências de vida e de religiosidade afro-brasileiras foram historicamente atravessadas por processos de conversão forçada ao cristianismo, nos quais indivíduos negros eram levados a negar suas referências culturais, religiosas e simbólicas de origem africana. Nesse contexto, tudo aquilo que simbolizava "ser negro" passou a ser sistematicamente desvalorizado, tratado como inferior ou incapaz de reconhecimento intelectual, religioso e social, reforçando práticas de apagamento e silenciamento das tradições afro-brasileiras.

Enterrados e (quase) esquecidos, os conteúdos, em relação à história afro-brasileira, são mascarados até hoje e, pode-se dizer, que há uma forma de "edição da sua história" - fato este que acaba por gerar uma massiva disseminação de informações falsas em redes sociais digitais na contemporaneidade, ainda que a legislação brasileira tipifique tal prática como crime.

Nesse âmbito, a Lei nº 7.716/1989 representa um marco normativo no combate aos crimes resultantes de preconceito, ao tipificar condutas discriminatórias motivadas por raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, prevendo agravamento de pena quando tais práticas ocorrem por meio dos meios de comunicação. Com o avanço das tecnologias digitais e a ampliação das interações sociais mediadas pela internet, tornou-se necessária a intervenção estatal na regulamentação desse ambiente, o que resultou na promulgação da Lei nº 12.965/2014, denominada Marco Civil da Internet. Tal diploma estabelece princípios para o uso da rede no Brasil, como a garantia da liberdade de expressão, a proteção da privacidade, dos dados pessoais e a neutralidade da rede, conforme disposto em seu artigo 3º. Contudo, o Marco Civil não prevê a tipificação de crimes ou sanções penais específicas para condutas ilícitas praticadas no ambiente virtual, como discursos de ódio e disseminação de

desinformação. Essas práticas encontram respaldo jurídico em outras legislações, a exemplo do Código Penal Brasileiro, que nos artigos 138 a 140 tipifica os crimes contra a honra — calúnia, difamação e injúria — frequentemente associados à propagação de fake news nas redes sociais. No que tange aos crimes informáticos, a lacuna legislativa existente até o início da década de 2010 motivou a criação da Lei nº 12.737/2012, conhecida como Lei Carolina Dieckmann, que passou a criminalizar a invasão de dispositivos informáticos, consolidando avanços na responsabilização penal de condutas ilícitas no ciberespaço.

Entende-se que a legislação brasileira voltada ao enfrentamento do racismo religioso constitui instrumento jurídico indispensável para a proteção da dignidade humana, da liberdade religiosa e da própria laicidade do Estado, sobretudo diante da intensificação das práticas discriminatórias no ambiente digital. Nesse contexto, ressalta-se, ainda, a importância da Ciência da Informação, quando este campo do saber pode auxiliar no desenvolvimento de políticas informacionais inclusivas. Assim, a articulação entre o Direito e a Ciência da Informação revela-se essencial para o aprimoramento das estratégias de prevenção, combate e conscientização, ao ensejar a promoção de um ambiente informacional mais justo, plural e comprometido com o respeito à diversidade religiosa.

## 2.2 “EXU NÃO É O DIABO”

Em sua obra, Verger (2012) traz a definição de Exu como o ser mensageiro dos outros Orisa, que nada podem fazer sem Exu. Segundo o autor, Exu é o guardião de templos, casas e cidades. Ele sedimenta a cólera dos Orisa e das pessoas. Para Verger, Exu possui, dentre algumas características, a suscetibilidade, violência, astúcia, grosseria, vaidade e a indecência. Exu é que estabelece o contato com o humano, ele é o mensageiro entre o Ayé e o Orum (o céu e a terra), a divindade responsável por levar a comunicação de Ifá<sup>6</sup> (um sistema religioso, filosófico e oracular iorubá) aos humanos, para que estes consigam acessar a mensagem dos orixás.

Com efeito, a íntima relação entre Ifá e Èsù é indiscutível, assim como a de Èsù com todo tipo de sistema oracular. De acordo com Santos (2008), “um dos aspectos de Ifá é que o sistema oracular funciona graças a Èsù e é instrumentado por objetos que simbolizam descendentes-progênie” (SANTOS, 2008, p.166). Sendo assim, Exu é um orixá dinâmico, diverso e plural, próximo da pessoa humana e do seu cotidiano. Portanto, Exu não é uma divindade do pensamento cristão europeu e ocidental, do bem e do mal, do que é bom e ruim.

De acordo com Oliva (2005), a função principal de Exu é trazer uma representação de forma opositiva à criação de normas, infringindo regras e ordens. Com a incumbência de Olodumaré (divindade criadora do universo) para mudar o que se encontra parado, Exu tem o recebimento do Ado: a cabaça para encontrar a transformação, a força de transformar-se. Destruindo para reciar, Exu é, ainda pelos ensinamentos de Oliva (2005), o princípio da falta e da obtenção de ordem, pois ambas estruturas (desordem e ordem) dependem uma da outra.

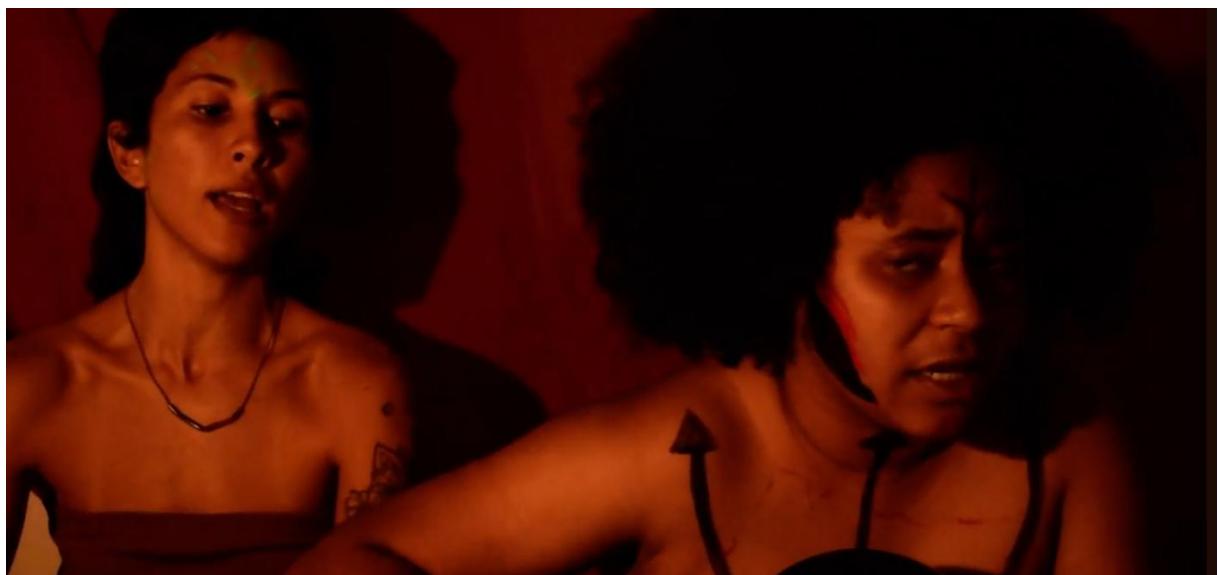
Para Alexandre Cumino (2020) - sacerdote de Umbanda, escritor, pesquisador e divulgador das religiões de matriz africana, Exu é o orixá que estabelece a comunicação entre o mundo espiritual e o mundo material, garantindo que a ordem divina se manifeste no plano humano. No livro “*Exu não é o Diabo*”, Cumino define o

<sup>6</sup> De acordo com Nei Lopes (2020), Ifá ainda designa a divindade que orienta a vida, a ética e a relação entre humanos, outras divindades e o destino.)

orixá Exu de forma teológica, ética e simbólica, com o objetivo explícito de desfazer a associação colonial entre Exu e o demônio cristão. O autor reafirma Exu como um orixá da Lei, da comunicação e do movimento; do equilíbrio e da responsabilidade; não é bom nem mau; é o guardião dos caminhos; definitivamente, não é o diabo, pois nem diabo existe nas religiões afrobrasileiras.

Para mim, enquanto estudante e pessoa de Axé há mais de dez anos, Exu é expressão da dualidade e, como o senhor das movimentações, é aquele que rege os fluxos da vida e os deslocamentos necessários para as mudanças acontecerem. Exu apresenta-se a mim como um princípio de troca: assim como em um mercado ninguém leva algo sem oferecer nada em troca, também não há demanda sem responsabilidade. Nesse sentido, Exu atua como mediador do cotidiano, atravessando todos os âmbitos da vida — saúde, proteção, paz, amor — abrindo caminhos e possibilitando transformações. Em mim, Exu é orientação, é poesia que canto assim:

**Figura 1** – Cena do videoclipe da música “Exu é Leste, Oeste”  
“Senhor dos percursos / Mensageiro do Ifá”



**Fonte:** Videoclipe “Exu” com Eveli Eller e Siba Carvalho. Disponível em:

<https://youtu.be/cWgfn6sJ4RE?si=fZ0IJUDNnBuqlh6y>

*Exu é Leste, Oeste  
Exu é Sul e eu Nordeste  
Ódara, Lonã, Bará, Metá  
São sete caminhos para eu passar  
São sete encruzilhadas para trilhar*

*Senhor dos percursos  
Mensageiro do Ifá  
És fogo, és terra  
És o bem e o mal*

*Exu é Leste, Oeste  
Exu é Sul e eu Nordeste  
Ódara, Lonã, Bará, Metá  
São sete caminhos para eu passar  
São sete encruzilhadas para trilhar*

*Senhor das segundas  
Preparo o padê  
Assemelhasse a mim  
Para reconhecer*

*Exu é Leste, Oeste  
Exu é Sul e eu Nordeste  
Ódara, Lonã, Bará, Metá  
Laroyê!<sup>7</sup>*

**Figura 2** - Cena do videoclipe da música “Exu é Leste, Oeste”  
“São sete caminhos para eu passar/ São sete encruzilhadas para trilhar”



**Fonte:** Videoclipe “Exu é Leste, Oeste” com Evelli Eller e Siba Carvalho. Disponível em:

<https://youtu.be/cWgfn6sJ4RE?si=fZ0IJUDNnBuqlh6y>

A encruzilhada é compreendida como ponto de partida e fundamento de Exu, no sentido de alicerce. Trata-se de um espaço que não se revela à observação passiva, mas que exige movimento, decisão e caminhada. Exu não se permite

<sup>7</sup> Na canção autoral “Exu é Leste, Oeste”, apresento Exu a partir de elementos simbólicos centrais das religiões de matriz africana, articulando suas qualidades, funções e fundamentos. As menções a Odara, Lonã, Bará e Metá evidenciam as diferentes qualidades de Exu, reforçando sua multiplicidade e sua atuação nos diversos caminhos e percursos da vida.

A música também faz referência ao padê, alimento feito à base de azeite de dendê e farinha, simbolicamente associado a Exu, e às segundas-feiras, dia tradicionalmente dedicado a essa divindade, marcando os inícios, os preparos e a abertura de caminhos. Ao apresentá-lo como senhor dos percursos, a composição enfatiza sua atuação nas movimentações, nas escolhas e nos deslocamentos que atravessam o cotidiano.

Na continuação da música, Exu é ainda descrito como mensageiro entre o céu e a terra e como mensageiro de Ifá, divindade associada ao conhecimento e à adivinhação, o que reforça sua função mediadora e comunicacional. Dessa forma, a canção opera como uma síntese simbólica que apresenta Exu em sua complexidade, destacando-o como entidade ligada à circulação, à mediação e à multiplicidade de sentidos, em contraste com representações simplificadas e estigmatizadas frequentemente reproduzidas por processos de desinformação.

aprisionar, rompe com rigidez e aparece de forma brincante, muitas vezes associado à sua garrafa de cachaça, sinalizando que não há destino fixo nem problema absoluto, mas caminhos que se constroem a partir das escolhas feitas.

Uma vez que se consolida na interação e no resultado, Èsù, ainda, associa-se de forma profunda à atividade sexual. Com o falo e todas as suas formas transferidas, Èsù simboliza atividades sexuais e reprodutivas. Consoante Santos (2008), as pessoas conhecem e comentam mais este aspecto de Èsù, já que houve disseminação como uma perspectiva escandalosa dele por parte de missionários católicos e viajantes. Com estes aspectos, as perspectivas cristãs, trazidas pela visão europeia de mundo, possuem - como Verger (1984) salienta ao fazer estudos científicos a respeito da religiosidade iorubá - informações deturpadas e repletas de preconceitos da sociedade da época em que elas foram produzidas. O autor, inclusive, questiona a coleta destas informações por parte dos missionários e viajantes. Segundo ele e os resultados dos estudos obtidos através de suas análises científicas, desde 1884 que a etnografia e as nuances religiosas iorubás são vítimas de dados e informações deturpadas, repletas de fantasias e, muitas vezes, obtidas em lugares diferentes daqueles habitados e desenvolvidos pela civilização iorubá.

### **2..2.1 Qualidades de Exu**

O orixá Exu, e suas multiplicidades, vem com outros nomes e especificações para as comunidades de terreiros, apresentando sua força para cada ação na natureza. É o que se chama de qualidade dentro dos caminhos. A divindade plural recebe nomes distintos durante os momentos chamados de assentamentos (fundamentos sagrados que materializam a presença e a força (axé) de uma divindade dentro do terreiro ou na vida do iniciado), rituais ou funções dentro das Casas de Axés. Sobre as diversas faces de Exu, Simas e Rufino (2018) revelam que Exu se consolida como a boca que come tudo, sendo a mesma que faz a restituição, restaura e devolve o que engoliu. Santos (2008), por sua vez, singulariza a divindade como o primeiro ser vivente e Exu Yanguí como o mensageiro da comunicação entre o Orun e Ayê.

O que se ressalta é que Exu é uma divindade de muitas qualidades; múltipla, dinâmica e complexa, o que faz com que ele se manifeste de muitas formas, funções e narrativas distintas. Exu não se limita a uma única definição moral ou simbólica, transitando entre opostos. Essa multiplicidade, somada ao olhar eurocêntrico e às interpretações equivocadas ao longo da história, contribuiu para que Exu fosse frequentemente mal compreendido, associado de maneira reducionista a ideias negativas que não correspondem à sua centralidade e importância nos sistemas religiosos afro-brasileiros.

Nesse contexto, adentrando o âmbito da Ciência da Informação, um Tesauro pode ser uma ferramenta valiosa para organizar e estruturar a informação sobre esse orixá, permitindo relacionar conceitos, nomes, atributos, mitos e funções de Exu de forma sistemática. Ao estabelecer termos preferidos, sinônimos, relações hierárquicas e associativas, o Tesauro deve ajudar, por exemplo, a evidenciar a pluralidade de Exu sem simplificá-la, facilitando a recuperação da informação e promovendo uma compreensão mais precisa e respeitosa. Dessa forma, ele contribui para a organização do conhecimento e para a valorização das tradições afro-religiosas, evitando generalizações e interpretações distorcidas.

Por atuarem no processo de indexação e resumos, os Tesauros compõem-se de linguagens documentárias que devem ser utilizadas para demonstrar estruturação

(com as listas estruturadas) e relações entre os termos (representação de conceitos únicos). O objetivo desse tipo de procedimento é trazer ideias únicas que possam orientar indexadores e usuários dos sistemas de pesquisa na busca de termos que possam expressar de forma mais condizente com a realidade o significado deles.

Portanto, comprehende-se que no campo das linguagens documentárias, o Tesauro configura-se como um instrumento essencial, sobretudo em contextos nos quais os conceitos são atravessados por disputas simbólicas, históricas e culturais. No caso das religiões de matriz africana, observa-se que a desinformação e o racismo religioso também se manifestam por meio da linguagem e da forma como determinados termos são indexados e relacionados nos sistemas de informação. Não à toa, há uma proliferação de Tesouros, nos diversos campos do saber, que buscam facilitar a recuperação da informação.

A respeito disso, cabe rememorar o *Tesauro dos Orixás*<sup>8</sup>, realizado pela autora deste TCC, o qual versa sobre os orixás principais das religiões de matrizes africanas, especificamente da Nação Iorubá.

**Figura 3** – Página do “Tesauro dos Orixás”

<b>Exu</b>	
<b>N.E.</b>	O mensageiro do Ayê e Orum (céu e terra), mensageiro dos Orixás, Exu é movimento, astucioso, interesseiro, prestativo e generoso, chamado de senhor da fala, senhor das ruas e senhor dos percursos. Sincretizando pelos cristãos como diabo, por ser o Orixá mais próximo e semelhante ao homem. Sincretizado erroneamente pelos cristãos como diabo, por ser o Orixá mais próximo e semelhante ao homem. Quando tudo era branco e etéreo, o silêncio, a imobilidade; de repente à frente de Olorum surge Exu, soprando sobre ele o seu hálito poderoso (o emí), dando a ele vida, e trazendo mobilidade.
<b>TG</b>	Orixá
<b>TR</b>	Olorum
	Ogum
	Oxóssi
<b>TE</b>	Abertura dos caminhos (poder)
	Ogó (instrumento)
	Padê (comida)
	Vermelho (cor)

**Fonte:** Acervo pessoal

<sup>8</sup> Trabalho realizado na disciplina Linguagens Documentárias Alfabético-hierárquicas, da UFPE, em coautoria com a discente Maria Valquíria Monteiro da Cruz Jacob, em 2019.

O referido Tesauro constitui um exemplo prático da aplicação de instrumentos documentários na construção de representações conceituais mais adequadas e contextualizadas. O trabalho acadêmico teve por objetivo estruturar termos referentes aos principais orixás da nação iorubá, estabelecendo relações de equivalência, hierarquia e associação, conforme os princípios teóricos da organização do conhecimento.

No verbete dedicado a Exu, o Tesauro evidencia como a organização terminológica pode contribuir para a superação de representações equivocadas historicamente atribuídas a essa divindade. A definição construída apresenta Exu como orixá do movimento e da comunicação, mensageiro entre o Ayê e o Orum, articulando seus atributos simbólicos, funções e elementos rituais. As relações estabelecidas com termos gerais, relacionados e específicos permitem compreender Exu a partir de seus fundamentos teológicos, culturais e simbólicos, evitando associações simplificadoras ou estigmatizantes.

Dessa forma, o Tesauro não se restringe a um produto técnico, mas atua como um recurso analítico que evidencia o papel das linguagens documentárias na construção do conhecimento. Ao organizar e explicitar relações conceituais, o instrumento contribui para práticas de indexação mais responsáveis e alinhadas à diversidade cultural, além de demonstrar como a Biblioteconomia pode atuar no enfrentamento da desinformação e do racismo religioso por meio da organização e mediação da informação.

Com isso, aponta-se como os caminhos e as qualidades de Exu podem ser representados dentro de espaços de pesquisa de dados científicos. Eles auxiliam no entendimento e fortalecimento não só dos conhecimentos culturais afro-brasileiros, mas também das diversas manifestações existentes em relação às práticas metodológicas que podem ser exploradas ao longo dos trabalhos científicos.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca responder questões essenciais sobre Desinformação em relação ao Racismo Religioso nas redes sociais digitais. E alguns dos questionamentos balizados no processo de metodologia desta pesquisa podem ser assim descritos: como os fatos acontecem? Com quais artifícios e intuições? Dessa forma, a pesquisa aqui descrita é de cunho exploratório-qualitativo, pois busca uma compreensão particular e específica, examinando aspectos mais profundos e subjetivos daquilo que se estuda (DENZIN; LINCOLN, 2006).

O rigor metodológico desta investigação acadêmica tem início com a pesquisa bibliográfica, e sua elaboração se dá a partir de referências teóricas publicadas em obras como livros, artigos científicos, monografias, dissertações e/ou teses. Cervo, Bervian e Silva (2007) definem a pesquisa bibliográfica como aquela onde o procedimento básico de estudos monográficos é realizado e busca-se, através dela, obter conhecimentos sobre os temas aqui estabelecidos.

Para atender aos objetivos de análises estabelecidos neste TCC, a pesquisa descritiva se fará notar. Através dela, ainda em conformidade com as definições de Cervo, Bervian e Silva (2007), será possível registrar, analisar e correlacionar os fenômenos e os fatos, sem manipulação de dados, a fim de estabelecer um entendimento condizente com o propósito científico-metodológico do campo da Ciência da Informação. Além disso, a pesquisa documental constitui um procedimento metodológico fundamental para o desenvolvimento deste estudo. Foram analisados

documentos de diferentes naturezas, incluindo produções acadêmicas (artigos científicos, livros e dissertações) que abordam os temas da desinformação, do racismo religioso e das religiões de matriz africana, bem como documentos institucionais e materiais informacionais disponíveis em ambientes digitais. O objetivo desta iniciativa é trazer, descrever e comparar, tanto do presente quanto do passado, costumes, comportamentos, diferenças e outras características das documentações sobre Desinformação e Racismo Religioso.

No âmbito das redes sociais, foram considerados como documentos digitais postagens públicas, comentários e conteúdos visuais publicados no Instagram que fazem referência direta à figura de Exu e às religiões afro-brasileiras, especialmente aqueles que apresentam narrativas de desinformação ou discursos de cunho discriminatório.

No que tange à seleção e análise das imagens, a escolha seguiu critérios qualitativos e temáticos. Foram escolhidas três imagens publicadas no Instagram, postadas entre os meses de janeiro e junho de 2025, que apresentassem representações de Exu associadas a narrativas de desinformação, estigmatização ou demonização, bem como imagens que explicitassem discursos de ódio ou racismo religioso direcionados às religiões de matriz africana. Na busca por tais imagens, considerou-se o uso de palavras-chave como: Exu, Diabo e Macumba.

O recorte considerou conteúdos com ampla circulação e engajamento, observando a presença de comentários, compartilhamentos e interações que evidenciassem a repercussão social dessas representações. Também foram incluídas imagens que estabelecessem contrastes simbólicos, permitindo a comparação entre representações desinformativas e aquelas que buscam ressignificar Exu a partir de perspectivas afro-brasileiras. Dessa forma, as imagens selecionadas possibilitam analisar como a desinformação se materializa visualmente no ambiente digital e como contribui para a reprodução de estereótipos religiosos.

Em síntese, os procedimentos metodológicos aqui estipulados elencam-se da seguinte forma:

- 1- Pesquisa bibliográfica
- 2- Levantamento de postagens no Instagram
- 3- Análise das imagens escolhidas

Por fim, vale ressaltar o caráter discursivo da Desinformação presente nas redes sociais digitais e como reconhecer discursos de ódio para o desenvolvimento do combate ao Racismo Religioso. Tradições orais e vivências dentro das religiões de matrizes africanas serão trazidas à tona neste trabalho científico para consolidar esses intuios e evidenciar narrativas condizentes com a realidade das práticas, rituais e cultos existentes nos templos religiosos de matrizes africanas no Brasil.

#### **4 RACISMO RELIGIOSO NAS REDES DIGITAIS**

Para as análises das mensagens de Racismos Religiosos presentes nas redes digitais destacadas neste TCC, alguns apontamentos se fazem notar: como qualquer representação sempre exclui elementos da realidade, quais dos elementos possíveis são incluídos? Quem considera essa seleção razoável e aceitável? Que critérios as pessoas aplicam quando fazem esses julgamentos? Para sintetizar os questionamentos, Becker (2009) sinaliza que existem os seguintes procedimentos adotados nas formas utilizadas para representar o mundo:

- 1- Seleção: cada meio, em qualquer de seus empregos convencionais, exclui grande parte da realidade, de fato a maior parte. Mesmo os meios que parecem mais abrangentes do que as palavras e os números abstratos, dos quais os cientistas sociais costumam lançar mão, deixam praticamente tudo de fora.
- 2- Tradução: uma função que transpõe as partes da realidade, que os produtores querem representar, para aqueles fatores convencionais disponíveis no meio tal como são correntemente usados.
- 3- Arranjo: uma vez escolhidos e traduzidos os elementos da situação, os fatos que a representação descreve e as interpretações que faz deles devem ser arranjados em alguma ordem (ao mesmo tempo, arbitrária e determinada) para que os usuários possam compreender o que está sendo dito.
- 4- Interpretação: os cientistas transformam continuamente seus materiais. Começam com uma observação no laboratório ou no campo e transformam isso em matéria escrita num caderno; depois transformam essas anotações em tabela, esta em diagrama, este em conclusão e esta num título de um artigo ou texto. Então, a cada passo, a observação se torna mais abstrata, mais divorciada da concretude de seu contexto original.

A articulação desses elementos é inerente à pesquisa, seja ela de cunho social ou científico. Toda pessoa que pesquisa desempenha essa articulação, sem uniformidade e conforme as particularidades e peculiaridades de cada tipo de análise. Para pensar as diversas formas de representar a sociedade, é preciso estar atento aos diferentes modos de tratamento que podem ser adotados no que se está estudando. Assim, expõem-se pontos e contrapontos. E uma gama de saberes vai se entrelaçando, possibilitando a quem relata, bem como para quem lê o relato, uma percepção aguçada e ampla do que está sendo analisado. É uma busca por conhecimento através de meios diferenciados e diversos.

Nesse sentido, destaca-se abaixo a imagem 1 retirada do perfil do Instagram do Terreiro Conga de Maria Conga:

Imagen 1 - “Casa de Satanais”



Fonte: Página do Terreiro Conga de Maria Conga. Postado em: 17 jun. 2025.

Com os dizeres “Casa Satanais”, revela-se a denúncia do Terreiro em relação à prática de crime de racismo religioso. A partir de um discurso de ódio e, covardemente, apontado no anonimato, percebe-se como isso faz lembrar de um ponto de Exu em cultos que participe: “ô maldade, o que foi que você fez? Mas a maldade não sou eu, a maldade são vocês”. Através desta perspectiva, é possível notar como projetam maldades em nossos espaços de culto e louvação a Exu.

Pautado na desinformação, evidencia-se, também, que o autor da agressão reproduz estigmas históricos, como os apresentados ao longo deste TCC. Enfatiza-se, ainda, que esse tipo de ato não é apenas uma ofensa simbólica, mas uma violência que atinge identidades, territórios sagrados e o direito à liberdade religiosa. Nas redes sociais digitais, esse tipo de ataque se repete de forma corriqueira, muitas vezes potencializado pelo anonimato e pela rápida circulação de discursos de ódio, o que normaliza a intolerância e amplia a violência simbólica contra as religiões de matriz africana.

Imagen 2 - “...Jesus é o caminho a verdade...”



**Fonte:** Página do Professor Sidnei. Postado em: 27 fev. 2025.

Já na imagem 2, retirada da postagem do professor Sidnei, é possível constatar um comentário discriminatório a respeito do seu questionamento: “A NOVA FACE DO RACISMO RELIGIOSO: Por que os enredos afro incomodam tanta gente no carnaval?”. A mensagem busca deslegitimar os apontamentos do professor para não só contradizer, mas também criar um posicionamento acerca do que seria real, correto e digno de ser legitimado. Nesse tipo de circunstância, Ricouer (1994) alerta que imitar ou representar a ação é pré-compreender o que ocorre com o agir humano, com a

sua semântica, com a sua simbólica, com a sua temporalidade. É sobre essa pré-compreensão, comum ao poeta e a seu leitor, que se ergue a tessitura da intriga e, com ela, a mimética textual e literária. Fato este que fica evidente no destaque da imagem.

Imagen 3 - "...Acabei de chutar..."



**Fonte:** Postagem do Perfil Futkrei sobre comentário e iniciativa. Postado em: 19 jan. 2025.

Por sua vez, na imagem 3, é possível perceber desrespeitos e desconhecimento sobre às práticas existentes nos ritos religiosos afro-brasileiros. Exu, orixá da comunicação e das encruzilhadas, ocupa posição central nos rituais das religiões de matriz africana. É a divindade a quem se dirige o primeiro gesto ritual: antes de qualquer louvação, Exu é servido com oferendas específicas — o padê, a cachaça e a água —, elementos que simbolizam a necessidade de equilibrar forças, apaziguar tensões e garantir a fluidez entre o mundo material e o espiritual. Esse ato ritual, conhecido como “dar de comer à rua”, expressa o princípio da comunicação

entre diferentes planos da existência, constituindo-se como uma forma ancestral de mediação simbólica.

A tradição afirma que Exu deve ser alimentado antes de todas as outras divindades para que o caminho seja aberto e os fluxos rituais possam ocorrer sem impedimentos. Em termos informacionais, esse gesto pode ser compreendido como um processo de organização e circulação de saberes, no qual Exu atua como guardião e mediador da comunicação, garantindo que as mensagens — orações, cantos e invocações — cheguem ao seu destino. A ele se atribui o papel de mensageiro entre os orixás e os humanos, operando como um nó comunicacional que assegura a integridade das trocas simbólicas dentro do sistema religioso.

Assim sendo, a atitude de chutar uma oferenda possivelmente dedicada a Exu, registrada e difundida em um post de rede social digital, revela não apenas intolerância religiosa, mas também a banalização da violência simbólica contra as religiões de matriz africana nas referidas redes. O gesto desrespeita um objeto sagrado e, ao ser exibido publicamente, transforma a agressão em espetáculo, buscando validação por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos. Evidencie-se o fato de que a pessoa que afirma ter chutado a oferenda pede “notas” para o ato praticado. Essa atitude escancara como o ambiente digital pode funcionar como um espaço de reprodução e legitimação do racismo religioso, onde a ofensa ao sagrado do outro é tratada como algo trivial, justificável e até louvável.

Em contrapartida, ao denunciar o ocorrido, a republicação feita por um segundo usuário, no Instagram, busca romper com a naturalização desse tipo de violência, trazendo visibilidade ao racismo religioso e utilizando o espaço virtual como um espaço de resistência, conscientização e reivindicação do direito à liberdade religiosa e ao respeito à diversidade cultural.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este TCC evidenciou histórias que oferecem pontos de ancoragem às narrativas sobre Racismo Religioso existentes na sociedade brasileira. Assim, contam-se histórias porque, finalmente, as vidas humanas têm necessidade e merecem ser contadas. Pelos exemplos destacados aqui, pode-se constatar como essas histórias podem desencadear práticas, muitas vezes, odiosas e criminosas. Para elucidar o fato de que é um problema disseminar intrigas nas redes sociais digitais e na sociedade, foi possível verificar que, no encadeamento de episódios da vida cotidiana, ainda há fatos não contados e passíveis de serem esclarecidos. Por isso, a pesquisa realizada aqui trouxe contribuições a partir do problema disseminado de que “Exu é o Diabo”. Com exemplos práticos e teóricos, neste TCC há o atendimento ao objetivo de disseminação de informações condizentes com a realidade existente no fato de que “Exu não é o Diabo”.

Desse modo, a partir do método de pesquisa bibliográfica, foi possível fazer análises de conteúdos odiosos em postagens do Instagram - fato que comprovou práticas do Racismo Religioso - e, por outro lado, trazer pontos de reflexões positivas em conteúdos vivenciados na prática. Nesse sentido, os resultados mostram que, apesar da influência negativa disseminada pelo Instagram, em contrapartida, há um comportamento que combate isso. No entanto, os exemplos trazidos aqui se configuram apenas em reflexões iniciais que podem ensejar estudos mais aprofundados e cabíveis de denúncias concretas das práticas criminosas. O ponto-chave deste TCC é expor subsídios teóricos de modo inicial para que seja possível

aprofundar a discussão posteriormente. Diante disso, é possível notar limitações existentes aqui, como o fato de não haver uma amostragem mais significativa (conteúdos mais diretos de discursos de ódio e criminosos) e a argumentação jurídica sobre a existência do Racismo Religioso ser feita de modo introdutório. Noutro sentido, é perceptível que a minha prática no seio da religião de matriz africana engrandece a narrativa com o foco no lema “Exu é amor”.

Assim sendo, a canção ritual que diz “Lá na porteira, eu deixei meu sentinel / Eu deixei Seu Tranca Rua tomado conta da cancela” reforça essa dimensão de vigilância e controle do fluxo. Na cosmologia afro-brasileira, distinguem-se dois Exus complementares: o Exu da porteira, responsável pela proteção dos limites e das passagens, e o Exu da casa, que zela pelos filhos de santo e pelos participantes do culto. Ambos representam diferentes instâncias do controle simbólico do espaço e da comunicação, resguardando o equilíbrio e a harmonia do terreiro.

O encerramento do culto, marcado pelo gesto de passar o padê nos quatro cantos da casa e sobre os presentes, reafirma a concepção de que “Exu caminha por todo o mundo”. Esse ato não apenas encerra o ciclo ritual, mas também restabelece a circulação de axé — a energia vital — entre os espaços e os sujeitos, configurando uma forma de gestão simbólica da informação e de preservação de memória coletiva.

Nesse sentido, os rituais de Exu podem ser compreendidos como sistemas complexos de produção, mediação e transferência de saberes, sustentados por uma lógica comunicacional própria, que articula oralidade, corporeidade e ancestralidade. Exu, enquanto princípio dinâmico da comunicação, pode ser interpretado como a própria metáfora da informação em movimento — que atravessa fronteiras, conecta mundos e possibilita o diálogo entre o visível e o invisível.

O encerramento do culto é igualmente significativo: o padê, colocado no centro do ilê e ao redor do qual os participantes se reúnem em cânticos e louvação, é passado sobre os presentes e nos “quatro cantos da casa”. Esse gesto final representa o movimento contínuo de Exu pelo mundo e o envio das energias e mensagens ritualísticas de volta à rua — espaço de trânsito, encontro e multiplicidade. O ato de “despachar” o padê reafirma a circularidade da comunicação sagrada e a presença de Exu como força dinâmica que conecta, media e redistribui as energias do axé.

Diante do contexto aqui apresentado, fica posto que a desinformação acerca das religiões afro-brasileiras se dá pelo processo de apagamento e deturpação da história africana no país, possibilitando não só a incompreensão histórica, mas também distorcendo aspectos dos racismos e das intolerâncias religiosas na sociedade brasileira - o que resulta em preconceitos, muitas vezes velados, que impactam diretamente as práticas e a identidade de vivências afro brasileiras no Brasil.

Nos meios midiáticos, em destaque no Instagram, a desinformação, de forma acelerada e com grande impacto, acarreta a propagação de fake news relacionadas a aspectos religiosos - como Exu mitificado como ser do mal, de cunho negativo e sendo associado ao diabo pelos adeptos de religiões cristãs, a exemplo do Catolicismo e Protestantismo. A circulação de comentários através desses meios revela como o discurso de ódio e a ignorância ancestral colaboram com a perpetuação do Racismo Religioso no Instagram e ocasiona o aumento da intolerância em relação às religiões de matrizes africanas.

Portanto, esse TCC, trazendo à tona casos de Racismos Religiosos nas redes digitais e evidenciando os caminhos traçados por Exu, reforça a necessidade de disseminar conhecimentos a respeito das vivências das religiões de matriz africana. Afinal, como crimes que são, a prática de intolerância religiosa, os discursos de ódio

e as privações à liberdade de culto, por exemplo, devem ser evidenciados a fim de que possam ser transformados.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosiane Rodrigues de. Intolerância religiosa e redes sociais: novos territórios e antigas práticas. **Revista Lumen Et Virtus**, v.8, n.18, p.122-137, mar. 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: Informação e documentação - Referências - Elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6024: Numeração progressiva das seções de um documento escrito – Apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6027: Sumário – Apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6034:: Índice – Apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: Informação e documentação - Trabalhos Acadêmicos - Apresentação. 3. ed., Rio de Janeiro, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 15287: – Projeto de pesquisa – Apresentação. 2. ed., Rio de Janeiro, 2011.

BECKER, Howard S. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o real. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BRASIL. Lei nº 7.716/1989 – Lei Caó.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.965/2014 – Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.737/2012– Lei Lei Carolina Dieckmann.

CERVO, Amado Luiz; SILVA, Roberto da; BERVIAN, Pedro A. **Metodologia Científica**. 6.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CARNEIRO, Abimael Gonçalves. Intolerância religiosa contra as religiões afro brasileiras: uma violência histórica. In: **Anais...** IX Jornada Internacional de Política Pública, São Luís, p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://docplayer.com.br/171578143-Intolerancia-religiosa-contra-as-religoes-afro-brasileiras-uma-violencia-historica.html>. Acesso em: 28 mar. 2025.

CNN BRASIL. **Brasil é termômetro para avaliar futuro do Instagram, diz VP da rede social**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/brasil-e->

termometro-para-avaliar-futuro-do-instagram-diz-vp-da-rede-social/. Acesso em: 13 dez. 2025.

CUMINO, Alexandre. **Exu não é o diabo**. São Paulo: Madras Editora, 2020.

DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006, p.15-41.

**G1. Intolerância religiosa:** mulher foi agredida e perdeu visão do olho direito por escutar o samba da Grande Rio em homenagem a Exu. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/09/16/intolerancia-religiosa-mulher-foi-agredida-e-perdeu-visao-do-olho-direito-por-escutar-o-samba-da-grande-rio-em-homenagem-a-exu.ghtml>. Acesso em: 14 dez. 2025.

KARLOVA, Natascha A.; FISHER, Karen E. A social diffusion model of misinformation and disinformation for understanding human information behaviour. **Information Research**, v.18, n.1, mar. 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOPES, Nei. **Ifá Lucumí**: o resgate da tradição. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MAIA, Cristina Marchetti; FURNIVAL, Ariadne Chloe; MARTINEZ, Vinícius Carrilho. Competências em Informação e Fake news: uma reflexão sob a perspectiva do Marco Civil da Internet e de Ignacio Ramonet. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais eletrônicos** [...]. Londrina: UEL, 2018.

OLIVA, Anderson. As faces de Exu: representações europeias acerca da cosmologia dos orixás na África Ocidental (séculos XIX e XX). **Revista Múltipla**, Brasília, n.18, ano 10, p.9-37, jun. 2005.

PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo: sincretismo católico e demonização do orixá Exu. **Revista USP**, São Paulo, n. 50, p. 46-63, jun./ago. 2001.

QUALIDADES DE EXU. Disponível em: <https://ocandomble.com/2008/09/02/qualidades-de-exu/>. Acesso em: 27 mar. 2025.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas, SP: Papiru, 1994. v.1

RODRIGUES, Rosiane. **A luta por um modo de vida**: enfrentamento ao racismo religioso no Brasil. Niterói, RJ: Eduff, 2022.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTANA, Jorge Amilcar de Castro; FOGAÇA, Camilla. **Fake News, Política e Racismo Religioso no Brasil (2020-2022)**. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.29, n.1, 2024. Disponível em:  
<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/17382/18530>. Acesso em: 24 mar. 2025.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nàgô e a morte**: Padê, Àsèṣè e o culto Égun na Bahia. 13.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda**: caminhos da devoção brasileira. 3.ed. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato**: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

VERGER, Pierre. Etnografia Religiosa Iorubá e Probidade Científica. **Revista Religião e Sociedade**, São Paulo, n.8, p.03-10, jul.1984.

\_\_\_\_\_. **Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns**. São Paulo: Edusp, 1999.

VOLKOFF, Vladimir. **Pequena história da desinformação**: do cavalo de Tróia à Internet. Curitiba: Vila do Príncipe, 2004.